



Holanda revela que a nova cepa foi detectada em duas amostras, em 19 e em 23 de novembro. África do Sul lançou alerta no dia seguinte. OMS pede resposta “racional”

Ômicron circula há 12 dias na Europa

» RODRIGO CRAVEIRO

O anúncio do Instituto Nacional de Saúde Pública e Meio Ambiente da Holanda (RIVM) lançou dúvidas sobre quando e onde surgiu a ômicron, a nova cepa do Sars-CoV-2, causador da covid-19. De acordo com a entidade, a variante foi identificada no país, pela primeira vez, em 19 de novembro, por meio de amostras testadas pelo Serviço de Saúde de Amsterdã. “Em um teste especial PCR, elas exibiram uma anormalidade na proteína spike. Isso levantou a preocupação de que a ômicron pudesse estar envolvida”, afirmou o RIVM.

Outra amostra revelou mesma característica, em 23 de novembro. Seis dias depois, veio a confirmação de que se tratava da ômicron. “Não está claro se essas pessoas tinham visitado a África do Sul”, ressaltou o instituto holandês. Até ontem, acreditava-se que os primeiros casos da ômicron na Europa envolviam os 14 passageiros que testaram positivo e desembarcaram em Amsterdã, procedentes da África do Sul, em 26 de novembro.

Os dois contágios ocorreram antes de as autoridades sul-africanas alertarem a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 24 de novembro — seis dias depois de Angelique Coetzee, presidente da Associação Médica da África do Sul, identificar a cepa.

Ontem, Tedros Adhanom Ghebreyesus, diretor da OMS, defendeu uma reação “racional e proporcional” à ômicron. A entidade instou as pessoas com mais de 60 anos e os “vulneráveis” não vacinados a adiar viagens aéreas para regiões com transmissão comunitária da nova variante.

Ao **Correio**, Coetzee disse não se surpreender com a notícia de que a cepa circulava pela Europa antes do que se imaginava. “O vírus pode ser rastreado ainda no começo dos sintomas. A Holanda não fechou as fronteiras antes que revisássemos as amostras e atestássemos a presença da nova



Viajante da África do Sul se submete a teste de detecção do coronavírus no aeroporto de Schiphol, na Holanda

» Aval para uso de pílula anticovid

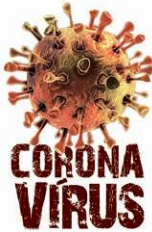
Um painel de especialistas em saúde designado pelo governo dos Estados Unidos respaldou a pílula anticovid da Merck para pacientes adultos de alto risco que estão dentro do período de cinco dias desde que sentiram os primeiros sintomas do vírus. A votação, que ocorreu após um dia de debates transmitidos ao vivo, foi apertada, com 13 votos a favor e 10 contra o uso da nova pílula. A recomendação do painel é consultiva e uma decisão final cabe à agência americana de medicamentos (FDA).

cepa”, comentou. “Assim que soubermos da ômicron, começamos a refazer os testes de PCR em pacientes nos quais não tínhamos a certeza do vetor da infecção.”

Ao ser questionada sobre a hipótese de a ômicron ter surgido na Europa, e não na África, Coetzee respondeu que “tudo é possível”. “Esperamos que outras nações revisem seus dados. Por várias vezes tenho declarado que a nova cepa provavelmente está em vários outros países, pois os sintomas leves podem ser facilmente ignorados”, disse.

Reitor da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Witwatersrand, em Johannesburg, Shabir Madhi considera improvável que a ômicron tenha origem no continente europeu. “A cepa está muito mais disseminada no sul da África, e a delta ainda se mostra dominante na Holanda”, explicou.

Ele lembrou à reportagem que a marca registrada da pandemia da covid-19 tem sido o fato de as variantes virem à tona depois de se espalharem por um tempo. Segundo Madhi, no contexto da África do Sul e do Brasil, um lockdown total contra a ômicron surtiria



pouco efeito. “Essa medida talvez fosse exigida sob iminente colapso dos hospitais. Ela desacelera a propagação do vírus, em vez de livrar dele.”

Advertência

Tedros Adhanom externou preocupação em relação às medidas anunciadas por países para se resguardarem ante o avanço da nova cepa. “Estou preocupado com o fato de que vários Estados-membros implantem medidas gerais e brutais que não são fundamentadas em evidências nem são eficazes por conta própria, e que apenas agravarão as desigualdades”, afirmou o diretor da OMS, segundo o qual as proibições de viagens aéreas não impedirão a disseminação da nova cepa.

Japão, Canadá e Brasil (**leia mais na página 6**) confirmaram seus primeiros casos de infecção pela nova variante, que circula por pelo menos 20 países de cinco continentes.

» Entrevista | Xiomara Castro de Zelaya

“Honduras precisa do coração de uma mulher para governar”

Aos 62 anos, a administradora de empresas Xiomara Castro de Zelaya estava, ontem à noite, prestes a se tornar a primeira mulher eleita presidente de Honduras. Até o fechamento desta edição, com 52,57% das urnas apuradas, a candidata do Partido Libertad y Refundación (de esquerda) liderava com 53,41% dos votos, seguida por Nasry Juan Asfura, do governista Partido Nacional de Honduras, que aparecia com 34,08%.

Há 12 anos no poder, o Partido Nacional de Honduras reconheceu, na tarde de ontem, a vitória de Xiomara, casada com o ex-presidente Manuel Zelaya desde 1976. “Hoje, podem ver o clima de paz e tranquilidade que há no país,

embora o Partido Nacional não tenha sido eleito ao comando do governo”, disse o secretário do Comitê Central desta legenda, Kilvett Bertrand, à Rádio América. “Desejamos o máximo de sucesso aos que venceram as eleições”, acrescentou. A expectativa é de que Asfura admita a vitória da rival nas próximas horas.

Em entrevista exclusiva ao **Correio**, por telefone, Xiomara falou sobre os desafios de governar uma nação de 9,3 milhões de habitantes, imersa em uma “dívida enorme” e afetada pela privatização imposta pelo modelo neoliberal. “Esse triunfo abre as portas para que respondamos às demandas históricas dos hondurenhos nesses últimos anos”, afirmou.

mulher para governar. Necessita do coração de uma mulher que entenda as necessidades de um povo, mas que também assuma o governo, com responsabilidade e compromisso, para dar respostas imediatas.

Quais as principais urgências de seu país?

A primeira ação que deveremos tomar será a construção de um governo de reconciliação. Necessitamos da união de todos os hondurenhos e hondurensas. Um governo de integração nacional, onde todos os setores sejam parte do processo de refundação e de construção de nossa nova pátria. E um governo de transição da ditadura rumo à democracia.

Luis Acosta/AFP



Caso sua vitória seja confirmada, ela colocará fim a 12 anos de hegemonia do Partido Nacional...

Sim, mas é mais do que isso. Esse triunfo abre as portas para que respondamos às demandas históricas dos hondurenhos nesses últimos anos. Haverá uma mudança de paradigmas. Poderemos garantir uma verdadeira democracia. Participativa, de Estado de direito, com poderes independentes e uma verdadeira Justiça. Da mesma forma, incorporaremos a consulta popular. Será o povo a decidir o futuro desta nação.

Que mensagem a senhora enviaria aos opositores?

Vamos à construção de um governo de unidade, com o qual possamos

encontrar os pontos de coincidência com os distintos setores de nosso país para resolver os problemas que afligem a sociedade e a grande maioria do povo hondurenho.

Qual é a receita para o combate à corrupção e ao narcotráfico, que assolam Honduras?

Para termos sucesso no combate à corrupção, precisamos estabelecer um governo com transparência, austero. Precisamos estabelecer programas que nos permitam retornar às Metas do Milênio da ONU. Também necessitamos chegar a um acordo com as Nações Unidas para que nos assessorem, a fim de combatermos a corrupção, que tanto tem imperado em nosso país. (RC)

ESTADOS UNIDOS

Aluno de 15 anos mata três em escola

No vídeo publicado no Snapchat pelo estudante Mark Kluska, ele e os colegas aparecem dentro da sala de aula, na Oxford High School, a 65k de Detroit (Michigan). As conversas ocorrem aos sussurros e são cortadas pela voz de um policial. Um atirador, de 15 anos, tenta entrar no local onde os outros estudantes se escondem. O agente se esforça para que ele se entregue. Aos gritos, os alunos pulam a janela e fogem. Mais uma vez, uma tragédia em uma escola norte-americana.

Antes de ser detido, o aluno matou três colegas — um garoto de 16 anos e duas meninas, de 14 e de 17 — e feriu oito pessoas, entre elas um professor. Dois feridos foram submetidos a uma cirurgia, na noite de ontem, e seis estavam com a condição de saúde estabilizada. “É uma situação muito trágica”, disse a jornalista o xerife Michael McCabe. “Temos três vítimas mortas neste momento, que se acredita que sejam estudantes”, acrescentou. No momento da prisão, não houve resistência. O assassino apenas pediu um advogado.

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, em visita ao estado de Minnesota, perto de Michigan, foi informado sobre o ataque. “Meu coração está com as famílias que suportam essa dor inimaginável”, disse. “Toda a comunidade tem que estar em choque neste momento.”

Por sua vez, Gretchen Whitmer, governadora de Michigan, afirmou que “este é o pior pesadelo para todos os pais”. “Os tiroteios nas escolas são um problema unicamente americano, o qual precisamos abordar”, desabafou. “Meu coração está com as famílias. Esta é uma tragédia inimaginável. Espero que possamos estar à altura da ocasião e abraçar as famílias, as crianças afetadas, os funcionários da escola e a comunidade.” A congressista Elissa Slotkin, que representa o distrito norte de Detroit na Câmara de Representantes dos Estados Unidos, se disse “horrorizada”.

A polícia informou ter recebido mais de cem telefonemas ao serviço de emergência 911 pouco após o meio-dia (14h em Brasília), e que o atirador fez entre 15 e 20 disparos durante cinco minutos com uma pistola semiautomática, usando mais de um carregador. O ataque a tiros em Oxford é o mais mortal deste ano em uma escola, segundo o Everytown For Gun Safety, grupo que compila estatísticas de incidentes armados e pressiona pelo controle das armas.

Massacres

Antes do incidente de ontem, houve 138 ataques a tiros em escolas dos Estados Unidos somente neste ano. Nesses incidentes, 26 resultaram em mortes, embora não mais que duas de cada vez. Os ataques a tiros em escolas mais mortais na história dos Estados Unidos foram o registrado em abril de 2007 no Virginia Tech, em Blacksburg, Virgínia, no qual morreram 33 pessoas, incluindo o agressor, seguido do ataque de dezembro de 2012 na escola fundamental Sandy Hook em Newtown, Connecticut, que deixou 28 mortos, entre eles 20 crianças e o agressor.

Matthew Hatcher/Getty Images/AFP



Viatura no acesso à Oxford High School: atirador foi detido